

A grande conspiração

A
GUERRA SILENCIOSA
CONTRA
A RUSSIA
SOVIÉTICA

MICHAEL SAYERS
ALBERT E. KAHN

Esta obra revela a Rússia, que nos seduziu e
nos vendeu há 25 anos de existência, e nos
apresenta o plano de ataque que nos
prepara para o futuro. A Rússia e o
Sovietismo são os maiores perigos que
nos ameaçam. A Rússia é o maior
perigo que nos ameaça. . . .

Editora Brasiliense Ltda. - São Paulo

LIVRO II

**SEGREDOS DO
CORDÃO SANITÁRIO**

LIVRO II

SEGREDOS DO CORDÃO SÂNITÁRIO

VIII — A CRUZADA BRANCA	121
1. O fermento da segunda guerra — 2. Êxodo dos rus- sos brancos — 3. Um cavaleiro de Reval — 4. O Plano Hoffmann.	

CAPÍTULO VIII

A CRUZADA BRANCA

1. O fermento da segunda guerra

Terminara o primeiro *round* da guerra contra a Rússia Soviética com algo de muito parecido com um empate. O govêrno soviético estava na posse indisputada da maior parte de seus territórios. Mas estava hostilizado pelas demais nações, isolado por meio de um *cordão sanitário* de estadistas títeres inimigos, e desligado do intercâmbio normal político e comercial com o resto do mundo. Oficialmente, o Soviete, a sexta parte do mundo, não existia — era “não reconhecida.”

Internamente, o govêrno soviético enfrentava uma devastação econômica de fábricas destruídas, minas inundadas, agricultura arruinada, transportes arrebentados, miséria, fome, e analfabetismo quase universal. A herança de bancarrota do regime feudal czarista somavam-se os destroços de sete anos de guerra incessante, revolução, contra-revolução e invasão estrangeira.

O mundo exterior às fronteiras soviéticas ainda estava à procura da paz, que não achara. O estadista inglês Bonar Law, relatando as condições do mundo quatro anos após a assinatura da paz de Versalhes, comunicou à Câmara dos Comuns que não menos de 23 guerras estavam ainda soprando em diferentes regiões do mundo. O Japão ocupara regiões da China e suprimira brutalmente o movimento de independência da Coréia; as tropas britânicas estavam esmagando as rebeliões populares na Irlanda, Afeganistão, Egito e Índia; os franceses estavam empenhados numa guerra aberta às tribos drusas na Síria, que, para pesar da França, eram armadas com metralhadoras das fábricas britânicas de Metro Vickers;

o estado-maior alemão, operando por detrás da fachada da República de Weimar, conspirava para varrer os elementos democráticos alemães e ressuscitar a Alemanha imperialista.

Cada país da Europa fervilhava em conspirações febris e contraconspirações de fascistas, nacionalistas, militaristas e monarquistas, todos promovendo sua atividade sob a máscara geral de "antibolchevismo."

Um memorial secreto, redigido nesses primeiros anos de após-guerra pelo Ministério do Exterior britânico, descrevia o estado da Europa nos seguintes termos:

"A Europa está hoje dividida em três grupos principais, a saber: vencedores, vencidos e a Rússia. O sentimento de incerteza que está minando a saúde da Europa Ocidental é causado em não pequena medida pelo desaparecimento da Rússia como poder que se conte no concôrto europeu. A mais ameaçadora de nossas incertezas.

Todos os nossos recentes inimigos continuam cheios de ressentimentos do que perderam; todos os nossos aliados de há pouco estão temerosos de perder o que ganharam. Metade da Europa está perigosamente magoada, outra metade perigosamente medrosa. O medo gera provocações, armamentos, alianças secretas, maus tratos das minorias. Tudo isto por sua vez, gera maior ódio, desejo secreto de vingança, pelo qual o medo se intensifica e suas conseqüências aumentam. Estabelece-se então o círculo vicioso.

Embora a Alemanha seja no presente totalmente incapaz de retomar a agressão, é certo que com grandes possibilidades químico-militares ela voltará cedo ou tarde a ser um fator militar poderoso. Há todavia poucos alemães que esperam seriamente empregar essa força, quando readquirida, contra o Império Britânico."

Enquanto o Ministério do Exterior britânico contemplava complacentemente o rearmamento da Alemanha e voltava a sua atenção para a Rússia como para "a mais ameaçadora de nossas incertezas", além do Atlântico, entre a histeria e confusão da era post-wilsoniana, os E.U.A. sonhavam com

o “glorioso isolamento.” A grande ilusão americana do tempo resumia-se na frase “volta à normalidade.” De acôrdo com Walter Lippmann, que escrevia então para o *New York World*, a “normalidade” consistia nas seguintes crenças:

“Que o destino da América está apenas remotamente ligado com o da Europa.

Que a Europa deveria cozinhar-se no seu próprio mólho . . .

Que nós podemos vender à Europa sem dela comprar . . . e que se a Europa não gostasse, poderia vender barato em outros mercados, mas seria imprudente fazê-lo.”

Walter Lippmann concluía:

“Dêses temores e no meio dessa desordem gerou-se uma espécie de histeria. Convocações militares, tarifas malucas, diplomacia feroz e tôda variedade de nacionalismos mórbidos, fascistas e Ku-Kluxes. . .”

A despeito do cansaço, do desgaste da guerra e da anarquia econômica que prevaleciam na Europa, esboçavam-se novos planos de invasão militar da Rússia Soviética, assiduamente estudados pelos estados-maiores da Polônia, Finlândia, Rumânia, Iugoslávia, França, Inglaterra e Alemanha.

A frenética propaganda anti-soviética continuava.

Quatro anos após a grande guerra que deveria acabar com tôdas as guerras, existiam todos os elementos para fazer-se a II Guerra Mundial que seria dirigida contra o mundo democrático sob o *slogan* de “antibolchevismo.”

2. Êxodo dos russos brancos

Com a *débaçle* dos exércitos brancos de Koltchak, Yudenitch, Denikin, Wrangel e Semyonov, a imensa e arcaica estrutura do czarismo sofrera o seu colapso final, arremessando ao longo os múltiplos e torvos elementos de selvageria, barbárie e reação que protegera durante tão longo tempo. Aven-

tureiros desapiedados, aristocratas decadentes, terroristas profissionais, militarismo, a temível política secreta e tôdas as demais forças feudais e antidemocráticas que constituíam a contra-revolução branca foram então arremessadas fora da Rússia como uma torrente suja e turbulenta. Rumo a oeste, leste, sul, pela Europa e Extremo Oriente, para a América do Norte e do Sul, ela precipitou-se levando consigo o sadismo dos generais da Guarda Branca, as doutrinas *pogromistas* dos Cem Negros, o desprezo feroz do czarismo contra a democracia, os ódios negros, os preconceitos e neuroses da velha Rússia Imperial.

Os Protocolos dos Sábios de Sião, invencionices com as quais a Ochrana incitara massacres de judeus é a Bíblia pela qual os Cem Negros explicavam todos os males do mundo em termos de uma "conspiração judaica internacional", circulavam então publicamente em Londres e Nova Iorque, Paris e Buenos Aires, Xangai e Madri.

Onde chegavam, os "emigrados" brancos fertilizavam o solo para a contra-revolução universal — o fascismo.

Em 1923 havia meio milhão de russos brancos vivendo na Alemanha. Mais de 400.000 emigraram para a França, 90.000 para a Polônia. Outras dezenas de milhares estabeleceram-se nos Estados Bálticos e Balcânicos, na China e Japão, no Canadá, E.U.A. e América do Sul. Só em Nova Iorque fixaram-se 3 mil oficiais com suas famílias.

O número total de "emigrados" russos era calculado em um milhão e meio a dois milhões, aproximadamente (28.)

Supervisionadas por uma União Militar Russa, com seu Q. G. em Paris, instalaram-se unidades armadas de russos brancos na Europa, Oriente Próximo e América. Eles anunciavam abertamente que estavam preparando uma nova invasão da Rússia Soviética.

(28) Nem todos os refugiados eram contra-revolucionários. Milhares de pessoas confusas e desorientadas, aterrorizadas por uma sublevação elementar que não podiam compreender, ajuntaram-se à massa em êxodo. Locomovendo-se de um país a outro eles procuravam desesperadamente conseguir um meio de vida num mundo novo e estranho. Alguns acabaram motoristas de táxis, porteiros, camareiros, cantores de cabarés, cozinheiros, guias. Muitos, enfrentando a fome nas cidades da Europa ocidental, tornaram-se mendigos. Os bordéis de Harbin, Xangai e Pequim encheram-se de refugiadas russas.

O governo francês formou uma escola de treinamento naval para russos brancos no pôrto norte-africano de Bizerta, para onde foram enviados 30 navios da frota czarista com a tripulação de 6.000 oficiais e marinheiros. O governo iugoslavo estabeleceu academias especiais para treinamento de ex-oficiais do exército do czar e seus filhos. Grandes destacamentos do exército do Barão Wrangel foram transferidos intactos para os Balcãs. Quatorze mil cossacos e soldados de cavalaria foram enviados para a Iugoslávia. Dezesete mil soldados brancos foram à Bulgária. Milhares de soldados estacionaram na Grécia e Hungria. Russos da Guarda Branca apoderaram-se de secções inteiras do aparelhamento da polícia no Báltico anti-soviético e nos Estados Bálticos, assumiram postos-chave no governo e tomaram o contróle de várias agências de espionagem.

Com a assistência do Marechal Pilsudski, o terrorista russo Boris Savinkov organizou um exército branco de 30.000 homens na Polónia.

O Ataman Semyonov, depois de expulso da Sibéria, fugiu com os remanescentes de seu exército para o território japonês. Suas tropas foram providas com novos uniformes e equipamentos por Tóquio, e reorganizadas num exército russo-branco especial sob a supervisão do alto comando japonês.

O Barão Wrangel, o General Denikin e o *pogromista*, Simão Petlura fixaram-se em Paris, onde se envolveram imediatamente em diversos *complots* anti-soviéticos. O General Krasnov e o Hetman Skoropadsky, que colaboraram com o exército do Kaiser na Ucrânia, foram viver em Berlim, e foram acolhidos sob as asas do serviço secreto militar alemão (29.)

(29) A carreira posterior de muitos dos generais que comandaram os exércitos estrangeiros de intervenção contra a Rússia Soviética é bem interessante. Os generais tchecos, Sirovy e Gayda, voltaram a Praga, onde o primeiro se tornou comandante do exército tcheco e o segundo, chefe do estado-maior. Em 1926, o General Gayda participou de um golpe de estado fascista abortivo e posteriormente esteve envolvido em outras conspiratas fascistas. O General Sirovy desempenhou o papel de *quisling* militar tcheco em 1938. O general britânico Knox voltou à Inglaterra para tornar-se membro *tory* do Parlamento, violento agitador anti-soviético e fundador dos Amigos da Espanha Nacionalista, agência que divulgava propaganda fascista espa-

Em 1920 um pequeno grupo de “emigrados” russos imensamente ricos, os quais mantinham enormes investimentos na França e em outros países estrangeiros, chegaram juntos a Paris e fundaram uma organização destinada a desempenhar o mais importante papel nas futuras conspirações contra a Rússia Soviética. A organização denominada Torgprom, ou Comitê Industrial Financeiro e Comercial Russo, era constituída de antigos banqueiros, industriais e homens de negócio czaristas. Entre os seus membros figuravam G. N. Nobel, que detivera um interesse preponderante nos campos petrolíferos de Bacu, na Rússia; Stepan Lianozov, o “Rockefeller Russo”, Vladimir Riabuchinsky, membro de famosa família de negociantes czaristas; N. C. Denisov, cuja imensa fortuna fôra ajuntada na indústria do aço; e outros magnatas cujos nomes eram famosos nos círculos industriais e financeiros do mundo.

Associados a êsses homens havia na Torgprom interesses britânicos, franceses e alemães que não tinham abandonado ainda a esperança de recuperar os seus capitais perdidos na Rússia ou de ganhar novas concessões como resultado da queda do regime soviético.

“A Torgprom”, declarou Desinov, o diretor da organização, “tem por objetivo combater os bolcheviques na fronteira econômica de todo modo possível.” Os membros da Torgprom estavam interessados, como dizia Nobel, “na breve ressurreição de seu país e na possibilidade de logo poderem trabalhar na pátria.”

As operações anti-soviéticas da Torgprom não se limitavam ao campo econômico. Uma declaração oficial publicada pela Torgprom anunciava:

“O Comitê Industrial e Comercial continuará sua luta sem tréguas contra o governo soviético, continuará a esclarecer a opinião pública dos países cultos acêrca da verdadeira significação dos acontecimentos que se desenrolam na Rússia e a preparar a futura revolta em nome da liberdade e da verdade.”

nholá na Inglaterra em apoio ao Generalismo Francisco Franco. Foch, Pétain, Weygand, Mannerheim, Tanaka, Hoffmann e outros generais intervencionistas, tornaram-se líderes de movimentos anti-soviéticos e fascistas durante o período de após-guerra.

3. Um cavaleiro de Reval

Em junho de 1921 um grupo de ex-oficiais czaristas, industriais e aristocratas convocaram uma conferência anti-soviética internacional em Reichenhalle, na Baviera. A conferência, constituída por representantes de organizações anti-soviéticas da Europa, trocou planos para uma campanha mundial de agitação contra a Rússia Soviética.

Foi eleito um "Supremo Conselho Monarquista." Sua função era trabalhar pela "restauração da monarquia, encabeçada pelo soberano legal da casa Romanov, de acôrdo com as leis fundamentais do Império Russo."

O infante Partido Nacional Socialista da Alemanha mandou um delegado à conferência. Seu nome era Alfredo Rosenberg...

Jovem, pálido, de lábios delgados, cabelos pretos e expressão cansada e pensativa, Alfredo Rosenberg começara frequentando as cervejarias de Munique no verão de 1919. Encontravam-no habitualmente na Augustinerbrau ou na Franziskanerbrau, onde se sentava sozinho durante horas a fio numa das mesas ao canto. Uma vez ou outra apareciam companheiros e então, embora êle os saudasse com pouco calor, suas maneiras se poliam, seus olhos escuros revivesciam, brilhando em sua face gizada quando êle começava a falar em voz sumida e apaixonante. Falava de modo igualmente fluente o russo e o alemão.

Rosenberg era filho de um latifundiário báltico que possuía uma grande propriedade perto do pôrto czarista de Reval. Seu pai reivindicava a linhagem dos Cavaleiros Teutônicos que tinham invadido os Estados Bálticos na Idade Média; e o jovem Rosenberg considerava-se altivamente como um germânico. Antes da Revolução na Rússia êle estudara arquitetura no Polytechnikum em Moscou. Fugira do território soviético quando os bolchevistas tomaram o poder e ingressara nas fileiras dos terroristas da Guarda Branca lutando sob o comando do General-Conde Ruediger von der Goltz na área báltica. Em 1919 Rosenberg regressara a Munique com a cabeça cheia das doutrinas antidemocráticas e anti-soviéticas dos Cem Negros.

Um pequeno grupo de “emigrados” da Guarda Branca e de barões destituídos do Báltico começou a reunir-se regularmente em Munique, para ouvir as tiradas intensas e venenosas de Rosenberg contra os comunistas e judeus. Essas reuniões usualmente incluíam o Príncipe Avalov-Bermond, amigo de Rasputin, que fôra o mais brutal comandante da Guarda Branca do General von der Goltz na área báltica; os Barões Schneuber-Richter e Arno von Schickedanz, dois aristocratas bálticos decadentes e insensíveis e Ivan-Poltavetz Ostranitz, um *pogromista* ucraniano, que fôra ministro das Comunicações no govêrno ucraniano títere do czar e o Hetman Paul Skoropadsky. Esses homens partilhavam das opiniões dos Cem Negros de Rosenberg acêrca da decadência da democracia e da conspiração internacional dos judeus.

“No fundo todo judeu é um bolchevique” era o tema constante das tiradas de Rosenberg.

Da cabeça negramente torturada de Alfredo Rosenberg, de seu ódio patológico aos judeus e de sua fronética inimizade contra os sovietes ia-se desenvolvendo gradualmente uma filosofia mundial de contra-revolução, composta de preconceitos fanáticos da Rússia czarista e de ambições imperialistas da Alemanha. A salvação do mundo ameaçado pela “democracia judaica decadente e pelo bolchevismo”, escreveu Rosenberg no *Mito do século XX*, devia começar na Alemanha, com a criação de um novo Estado Germânico. “É dever do fundador do novo Estado”, acrescentava, “formar uma associação de homens nos moldes da Ordem Teutônica.”

Competia a uma raça de super-homens germânicos levar avante a tarefa da conquista do mundo: “O sentido da história mundial irradiou do Norte, fruto de uma raça loura de olhos azuis que através de várias ondulações determinou a face espiritual do mundo.”

A idéia de uma santa cruzada contra a Rússia Soviética dominava toda a literatura de Rosenberg. Ele suspirava pelo dia apocalíptico em que os exércitos poderosos da nova “Ordem Teutônica” arremettessem pelas fronteiras russas esmagando os bolchevistas odiosos. “O rumo é do oeste para leste”, declarava êle, “do Reno para o Weichsel, devendo ressoar do oeste para leste, de Moscou a Tomsk.”

A Alemanha estava passando o seu período de crise amarga de após-guerra, desemprego de massas, inflação sem

precedentes e fome disseminada. Atrás da fachada democrática da República de Weimar, estabelecida em conluio com o alto comando alemão depois da supressão sangrenta dos soviets germânicos de trabalhadores e soldados, uma cabala de militaristas prussianos, *junkers* e *magnatas* da indústria planejavam furtivamente o renascimento e expansão da Alemanha Imperial.

Desconhecido do resto do mundo o programa do futuro rearmamento da Alemanha ia sendo cuidadosamente esboçado por centenas de engenheiros, desenhistas e técnicos especialistas, trabalhando sob as vistas do alto comando alemão, num laboratório secreto de pesquisas e planejamento construído pela firma de Borsig numa floresta fora de Berlim.

Supunha-se que o serviço secreto militar alemão, *Secção III, B*, tinha sido dissolvido ao terminar a guerra. Nessa época, entretanto, êle estava reorganizado com pródigos fundos, supridos por Krupp, Hugenberg e Thyssen, e funcionava diligentemente sob as vistas de seu antigo chefe, o anti-semita Coronel Walther Nicolai.

Os planos para a nova guerra da Alemanha estavam sendo elaborados com paciência e minúcia...

Entre os principais contribuintes financeiros para a campanha secreta de rejuvenescimento do imperialismo germânico figurava um industrial suave e enérgico de nome Arnold Rechberg. Antigo ajudante pessoal do príncipe herdeiro e amigo íntimo dos membros do antigo Comando Imperial, Rechberg associara-se ao grande truste germânico de potassa. Era êle um dos principais promotores das ligas secretas alemãs, nacionalistas e anti-semíticas. Foi no desempenho dessas funções que conheceu Alfredo Rosenberg. Tomado de imediata simpatia pelo fanático contra-revolucionário de Reval, Rechberg apresentou-o a outro de seus protegidos, um agitador austríaco de 30 anos, espião da Guarda do Reich de nome Adolfo Hitler.

Rechberg já estava providenciando fundos para comprar uniformes e enfrentar várias outras despesas do Partido Nazi de Adolfo Hitler. Êle e seus amigos endinheirados tinham comprado um obscuro jornal, o *Voelkischer Beobachter*, e transferiram-no para o movimento nazi. A publicação tornou-se o órgão oficial do Partido Nazista. Como seu editor, Hitler apontou Alfredo Rosenberg...

No dia do Ano Novo de 1921, dez dias depois de o *Voelkischer Beobachter* se ter transformado em propriedade dos nazis, o jornal esboçou a política exterior fundamental do partido de Hitler:

“E quando vier o tempo e a tormenta desabar sobre as fronteiras orientais da Alemanha, será a ocasião de reunir centenas de milhares de homens dispostos a sacrificar suas vidas ali... Os que estiverem determinados a se arriscar a tudo devem estar preparados ante a atitude dos judeus ocidentais... que levantarão suas vozes aflitas quando os judeus orientais forem atacados... O que é certo é que o exército russo será repellido para além de suas fronteiras depois de uma segunda Tannenberg. Isto é uma questão puramente germânica e marcará o verdadeiro começo de nossa reconstrução.”

O editorial fôra escrito por Alfredo Rosenberg.

Do abismo do czarismo feudal e do imperialismo alemão renascido no século XX ia tomando forma o Nazismo...

4. O Plano Hoffmann

Alfredo Rosenberg tinha a função de elaborar a ideologia política do partido nazi alemão. Outro amigo de Rosenberg, o General Max Hoffmann, fôra encarregado da estratégia militar.

Hoffmann passara grande parte de sua mocidade na Rússia como adido à côrte do czar. Chegara a falar russo mais fluentemente do que o alemão. Em 1905, com 35 anos era capitão e fôra indicado ao estado-maior do General von Schillieffen. Antes servira como oficial de ligação com o I Exército japonês na guerra russo-japonêsa de 1904-1905. Hoffmann nunca se esqueceu de que vira nas planícies da Manchúria — um *front* que parecia sem fim e uma fôrça atacante compacta, perfeitamente treinada, cortando como “faca na manteiga”, um exército de defesa muito mais numeroso, possuidor de enormes reservas, porém mal conduzido.

No comêço da I Guerra Mundial, Hoffmann foi apontado como chefe das operações do 8.º Exército alemão estacionado na Prússia Oriental para enfrentar o esperado ataque russo. A estratégia teve como resultado a *débaçle* czarista em Tannenberg e fôï creditada mais tarde pelas autoridades militares não a Hindenburg ou Ludendorff, mas a Hoffmann. Depois de Tannenberg, Hoffmann tornou-se o comandante das forças germânicas na fronteira oriental. Ele presenciou o colapço do exército imperial russo. Em Brest-Litovsk, ditou os têrmos de paz à delegação soviética.

Em duas guerras, Hoffmann vira o exército russo em ação e de ambas as vêzes presenciara sua esmagadora derrota. O Exército Vermelho, na opinião de Hoffmann, era apenas o velho exército russo "decomposto numa populaça."

No comêço da primavera de 1919, o General Max Hoffmann apresentara-se pessoalmente à Conferência de Paz em Paris com um plano recém-acabado de uma marcha sôbre Moscou encabeçada pelo exército alemão. Do ponto de vista de Hoffmann o seu plano tinha dupla vantagem: não só "salvaria a Europa do bolchevismo"; mas salvaria também o exército imperial alemão impedindo a sua dissolução. Uma forma modificada dêste plano fôra endossada pelo Marechal Foch.

Aos 22 de novembro de 1919, o General Hoffmann declarou numa entrevista com o *London Daily Telegraph*: "Durante os dois anos passados eu cheguei pessoalmente à conclusão de que o bolchevismo é o maior perigo que já ameaçou a Europa desde há séculos..." As memórias de Hoffmann, *A Guerra das Oportunidades Perdidas*, deploram a não realização da marcha sôbre Moscou conforme a concepção original de seu plano.

Em seguida à visita ao General Hoffmann em Berlim em 1923, o embaixador britânico Lord d'Abernon recordava em seu diário diplomático:

"Tôdas as suas opiniões são orientadas pela sua concepção geral de que nada irá direito no mundo enquanto as potências civilizadas ocidentais não se reunirem e decapitarem o govêrno soviético... Interrogado sôbre a possibilidade de uma união entre a França, Alemanha e Inglaterra para atacar a Rússia, êle replicou: "Isso é uma necessidade! Isso terá de vir!"

Nos anos de após-guerra, depois do fiasco da intervenção armada contra a Rússia Soviética, Hoffmann apresentou uma nova versão do seu plano, e começou a divulgá-lo em forma de um memorando confidencial aos estados-maiores europeus. O memorando imediatamente despertou vivo interesse nos crescentes círculos pró-fascistas da Europa. O Marechal Foch e o seu chefe de estado-maior, Pétain, que eram ambos íntimos e pessoais amigos de Hoffmann, expressaram sua calorosa aprovação ao plano revisto. Entre as outras personalidades que endossaram o plano figuravam Franz von Papen, o General Barão Karl von Mannerheim, o Almirante Horthy e o diretor do serviço secreto naval inglês, Almirante Sir Barry Domvile.

O plano em suas versões posteriores, conquistou o apoio de grande e poderosa porção do alto comando alemão, embora apresentasse um afastamento radical da escola tradicional bismarckiana da estratégia política e militar alemã (30.)

Projetava uma aliança alemã com a França, Itália, Inglaterra e Polônia, baseada numa causa comum contra a Rússia Soviética. Estrategicamente, no dizer de um previdente comentador europeu, Ernest Henri, no seu livro *Hítler contra a Rússia*, o plano apelava para a concentração de novos exércitos sobre o Vístula e o Dvina, conforme o estilo de Napoleão; marcha ligeira, sob o comando alemão, perseguição das hordas bolcheviques; ocupação de Leningrado e Moscou no curso de poucas semanas; limpeza final do país até os Urais — e assim, a salvação da velha civilização com a conquista de meio continente.

A Europa inteira, sob o comando alemão, deveria mobilizar-se e atirar-se contra a União Soviética.

(30) A princípio o General Hans von Seeckt, comandante da Guarda do Reich Alemão opôs-se. Seeckt sonhava com uma guerra de *revanche* contra o Ocidente, na qual êle tinha esperança de poder se utilizar das matérias-primas e da mão-de-obra da Rússia. Acreditava poder chegar a têrmos com os elementos de posição no Exército Vermelho e no governo soviético. Mais tarde, Seeckt deu o seu apoio ao plano e fêz-se nazista.



Comunidade Josef Stálin

Em defesa do Marxismo-Leninismo

<http://www.comunidadestalin.org>

www.comunidadestalin.blogspot.com

comunidadejstalin@hotmail.com